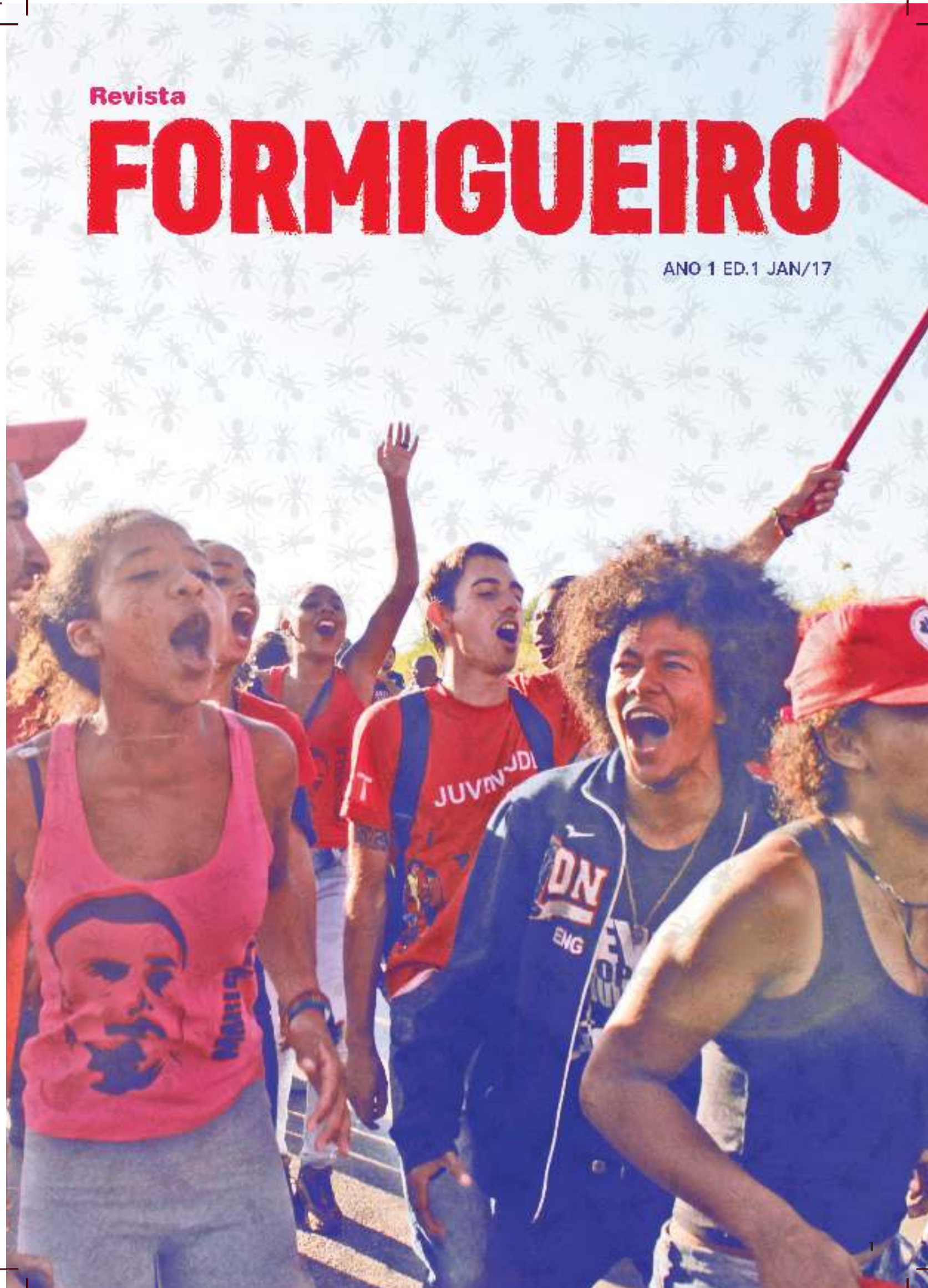


Revista

FORMIGUEIRO

ANO 1 ED.1 JAN/17





EDITORIAL

Estamos embarcando em um período em que as contradições do sistema capitalista se afloram e, para impedir suas perdas, toda a carga da crise é jogada nas costas da classe trabalhadora e do meio ambiente. Uma nova ofensiva neoliberal, a sanha dos capitalistas pelos recursos naturais, o avanço do agronegócio no campo sinalizam a necessidade de a juventude intervir mais fortemente nos cenários políticos, com disposição e criatividade.

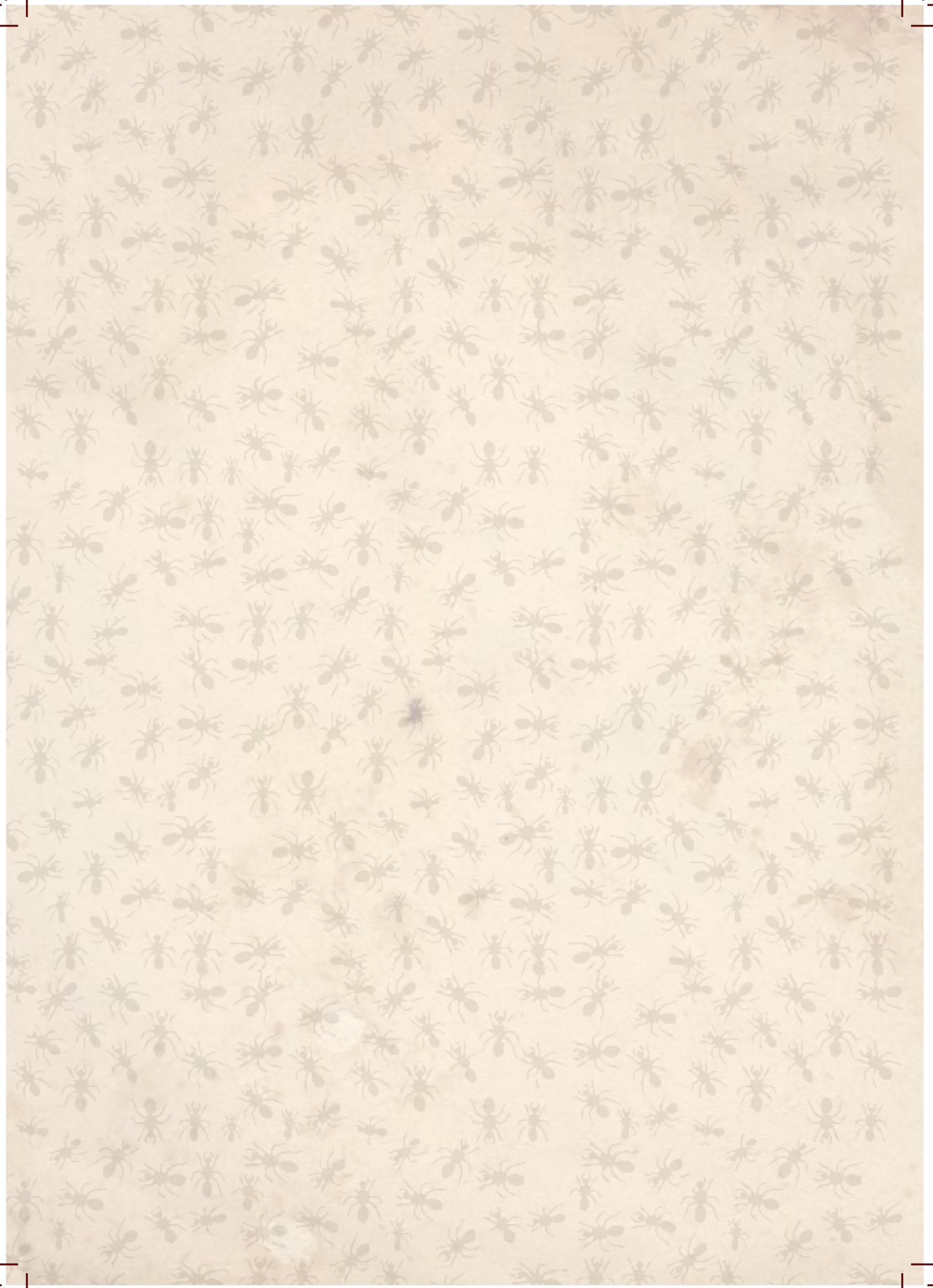
As medidas do governo golpista de Temer, particularmente no campo da educação, afetam diretamente a juventude, que é chamada a se colocar em luta, na organização política dos estudantes.

A esquerda como um todo também precisa se reorganizar e isso passa pela intervenção consciente da juventude inovando em métodos de luta, se dispondo ao trabalho de base e à agitação e propaganda para estarem inseridos cotidianamente em

meio ao povo. Particularmente, se apresenta o desafio do diálogo com as camadas urbanas, locus central para as disputas políticas. Isso indica uma maior necessidade de engajamento da juventude das cidades.

Mas também no campo, nossa juventude vê ameaçada sua condição de sobrevivência e reprodução cultural, com falta de acesso a educação, tecnologias, trabalho e renda, cultura, esporte e lazer. A Reforma Agrária popular passa pela construção de força real e protagonismo da juventude camponesa, nas tomadas de decisões, nos processos organizativos e nas lutas.

Resistindo ao golpe e combatendo o agronegócio e as injustiças no campo e na cidade, potencializaremos uma participação real da juventude, fortalecendo seu processo organizativo e a resistência de toda classe trabalhadora. ***“Quem não pode com a formiga, não assanha o formigueiro!”***



SUMÁRIO

6
Cooperação e arte mar-
cam a presença da Ju-
ventude durante Feira
da Reforma Agrária

10
A Juventude que ocupa
o latifúndio também
diz: Não à LGBTfobia!

14
A construção da uni-
dade popular é um de-
safio permanente da
Juventude

18
A organização e a for-
mação da Juventude
paraense como forma de
luta e resistência

22
A Cultura no processo
de formação e organi-
zação das jovens
mulheres Sem Terra

24
Há 13 anos Juventude
Sem Terra do Ceará re-
aliza formação sobre a
realidade brasileira

26
Grupo coletivo 14 de
Agosto - a força da
Juventude e da orga-
nização coletiva nas
terras de Rondônia

30
Agitação e Propaganda
e o potencial de luta
da Juventude

34
Abrindo caminhos
para uma nova visão
de mundo

36
A educação no processo
de auto-organização da
juventude e sua inser-
ção na luta social



COOPERAÇÃO E ARTE

marcam a presença da Juventude durante Feira da Reforma Agrária

Há 17 anos o MST reúne a produção dos acampamentos e assentamentos do estado de Alagoas na Feira da Reforma Agrária, realizada na capital Maceió.

Sempre no mês de setembro, centenas de Sem Terra levam para a capital alagoana toneladas de variados produtos frutos da luta pela terra no estado. Reunindo os diversos aspectos da vida no campo, a Feira da Reforma Agrária se apresenta aos maceioenses como uma grande expressão do que os Sem Terra pautam como projeto de sociedade, transformação da vida do campo e da cidade.

A produção de alimentos saudáveis, educação, saúde popular e a cultura camponesa estão vivas em cada uma das inúmeras barracas montadas nos corredores da Feira. Local onde homens, mulheres, crianças e a juventude Sem Terra constroem, coletivamente, a atividade que já está enraizada no calendário dos camponeses, camponesas e da população da cidade.

Desde a primeira edição da Feira, que foi em 1999, sempre existiu a participação dos jovens que vivem nos acampamentos e assentamentos do estado, seja a partir das equipes de trabalho para montagem da estrutura da Feira ou até mesmo na comercialização do que é produzido, sem o uso de agrotóxicos, nas áreas de Reforma Agrária. “A Feira da Reforma Agrária traz a possibilidade da comercialização justa na

cidade dos produtos vindos dos acampamentos e assentamentos, sem a participação do atravessador”, destacou Débora Nunes, do Setor de Produção do MST.

Para Débora a participação da juventude nas Feiras assume um papel fundamental no que diz respeito a geração de renda para os jovens. “A comercialização na Feira tem proporcionado geração de renda para a juventude, pois se caracteriza num espaço concreto de diálogo direto com a população da cidade, além de um espaço diferenciado de comercialização para o que os jovens produzem nas áreas. Além das Feiras da Reforma Agrária, os jovens comercializam sua produção nas feiras livres dos municípios, contribuindo nas condições de permanência da juventude no campo”, finaliza.

A presença permanente da juventude Sem Terra na construção e realização das Feiras é fruto da participação política em suas comunidades - atualmente 20% dos feirantes são jovens -, que é impulsionada a partir do processo de organização dos Coletivos de Juventude nos acampamentos e assentamentos. Isso fez com que os jovens pudessem construir e propor espaços que refletissem e traduzissem os elementos que a juventude Sem Terra contribui na construção da Reforma Agrária Popular.

Artesanato e resistência

Nas últimas edições da Feira da Reforma Agrária em Maceió, que tem reunido em média 10 mil pessoas, um espaço tem chamado à atenção dos que transitam pela praça. Uma tenda que reúne diversas experiências de produções artesanais da Juventude Sem Terra.

Desde o material feito em madeira pelos jovens do assentamento Sepé Tiaraju, no município de Pão de Açúcar, Sertão de Alagoas, até as pinturas em cerâmica, produzidas pelos jovens do Acampamento Patativa do Assaré, do Litoral alagoano, na cidade de Maragogi.

Além da exposição das diversas esculturas em madeira, de todos os tamanhos e cores, os jovens artesãos e artesãs fazem na hora outras tantas peças para quem quiser ver.

“Aprendemos com os mestres artesãos da nossa comunidade, que foram passando seus ensinamentos aos mais jovens e hoje podemos dar continuidade ao trabalho que já é característica do lugar onde vivemos”, ressaltou Yang Farias, jovem arte-são do assentamento.

Ao lado dos produtos feitos em madeira, outro jovem usa os dedos, tinta e uma peça de cerâmica para transformar a peça branca em belas paisagens de praia, floresta e até mesmo de um acampamento com uma bandeira do MST a tremular. Adrian Santos, do acampamento Patativa do Assaré, chamava a atenção de quem passava pela Feira. Sem usar pincel, o jovem de 16 anos usava os dedos para, em menos de 10 minutos, finalizar uma pintura.

“Tanto eu quanto os outros jovens do acampamento aprendemos olhando outras pessoas fazendo. A gente começou a testar com os materiais nossos e deu certo. Vendemos na Feira e também na cidade onde moramos”, disse.

Jovens apicultores

Outro elemento que também fez sucesso nesta edição da Feira, foi o mel fruto dos apiários organizados pela juventude Sem Terra do Sertão de Alagoas. Resultado do processo organizativo da juventude, o projeto que impulsiona a cadeia produtiva do mel, levou para a capital a experiência dos jovens dos municípios de Delmiro Gouveia, Inhapi, Mata Grande, Piranha e Olho D’Água do Casado com o trabalho apícola.

“Em cada um dos nossos assentamentos, o Coletivo de Juventude é responsável pelo cuidado de um apiário. Recebemos diversas formações, instruções e acompanhamento e agora é uma satisfação poder mostrar o fruto desse trabalho na Feira, que é um momento tão importante para nosso Movimento”, destacou Nilmara Fernandes, apicultora e do Coletivo de Juventude do MST.

De acordo com Nilmara, a experiência com a apicultura conseguiu transformar a vida de muitos jovens nos assentamentos. “É ótimo poder mostrar para a sociedade que a nossa juventude, mesmo com todos os desafios, está disposta a transformar a vida no campo. Nosso trabalho

com a apicultura, além de fortalecer nossa organização, apresenta uma possibilidade de trabalho e renda para os jovens no campo”.

Os jovens apicultores participam do que foi batizado de Projeto Arajuba, palavra de origem indígena que tem como significado “mel da cor dourada”. Ainda na Feira da Reforma Agrária, os jovens realizaram uma roda de conversa sobre apicultura, cooperação e agroecologia, socializando as experiências e desafios da juventude no trabalho apícola. Sejam nas equipes de trabalho, na brigada de Agitação e Propaganda ou nas socializações das experiências, os jovens do MST levam às Feiras da Reforma Agrária a criatividade e a disposição da Juventude na luta e na construção da Reforma Agrária Popular. Ano após ano, mais atividades são protagonizadas pela juventude que ocupa as barracas da Feira. Ali mostram as diversas possibilidades no campo da produção, da geração de trabalho e renda, das artes e da cultura, que os jovens têm apontado como contribuição nos processos de luta e fortalecimento da organização da juventude no campo.

"Em cada um dos nossos assentamentos, o Coletivo de Juventude é responsável pelo cuidado de um apiário."



A JUVENTUDE QUE OCUPA O LATIFÚNDIO TAMBÉM DIZ:

“NÃO À LGBTFOBIA!”

Por Wesley Lima

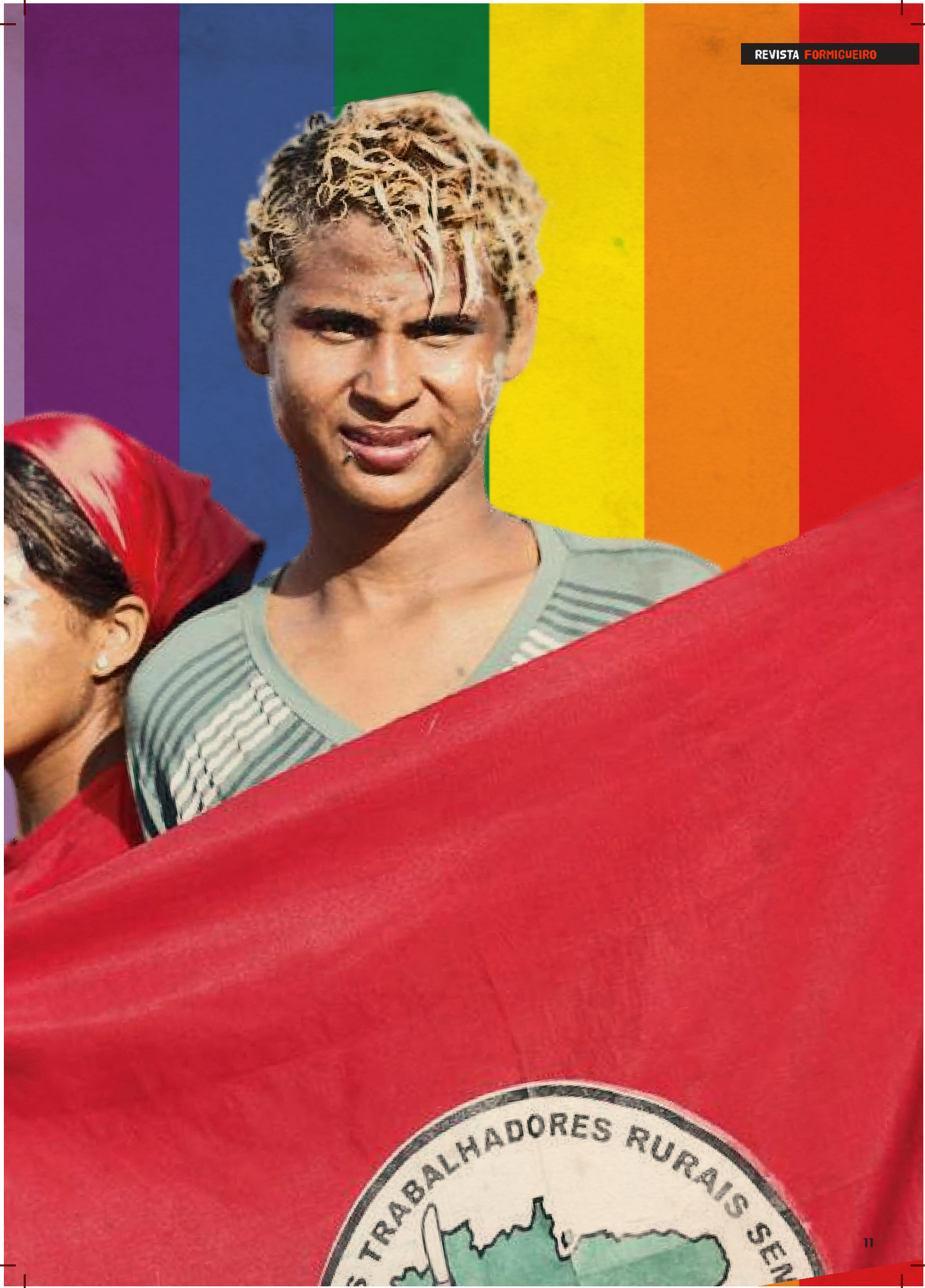
Lutar em defesa da Reforma Agrária Popular simboliza compreender como princípio o respeito à diversidade, levando em consideração a pluralidade de sujeitos que dia a dia carregam consigo as marcas da violência de uma sociedade capitalista, patriarcal e heterossexista. Esta afirmação é uma das bases políticas debatidas pela Juventude do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que há mais de dois anos vêm protagonizando, a partir de atividades nos estados e a nível nacional, a luta contra LGBTfobia.

Tem lésbica, gay, travesti, transexual ou bissexual Sem Terra? Tem sim! E são estes, que estão dando visibilidade a uma luta que somada a ocupação do latifúndio gera frutos para o MST, seja no processo de organização de sua base nos assentamentos e acampamentos, ou até mesmo externamente, através da repercussão de um debate ainda não provocado na sociedade: “há vivência LGBT no campo”.

As ferramentas encontradas pelos sujeitos são diversas, porém partem de métodos construídos historicamente pelo MST em seus espaços de reunião, encontros, seminários, plenárias, congressos e assembleias. Na maioria das vezes, a “mística” é este instrumento provocador. Além disso, as intervenções nos debates que trazem à tona a importância de se discutir afetividade como instrumento mediador na construção política das lutas, se apresentam como impulsionadores junto ao setor de gênero do Movimento, ao pautar a descentralização do debate com o objetivo de incorporá-lo ao todo da organização.

São inúmeras as iniciativas que se estendem por todo território nacional. Porém, as que mais se destacam estão no nordeste do país e na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), em Guararema (SP), por dar início a discussões nas instâncias do MST. No Ceará, os LGBTs têm organizado diversas intervenções nos





espaços de formação, seja com os educadores e educadoras da Reforma Agrária às atividades de formação básica com os trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra. Outra questão que merece destaque, foi a realização do 1º Seminário Estadual LGBT, onde se discutiu a diversidade sexual e as relações gênero, o que mais à frente ajudou na consolidação do “Seminário Nacional o MST e a Diversidade”, realizado na ENFF em agosto de 2015.

Na Bahia, a juventude Sem Terra se apropriou da “Agitação e Propaganda” para levar a mensagem do respeito e pautar a desconstrução do “ser homem e ser mulher”. Para isso, os meninos se vestiram de “meninas” e as meninas se vestiram “meninos” e durante uma Marcha de Feira de Santana à Salvador, diversas faixas exigiam respeito e o fim da LGBTfobia.

Nesse contexto, diversos estados do país e a própria ENFF foram se apropriando das discussões de gênero, com recorte acerca da identidade e orientação sexual, ampliadas por rodas de conversas auto organizadas, a participação nas paradas estaduais do Orgulho LGBT, se pronunciando publicamente sobre os casos homolebóbtransfóbicos no Brasil e no mundo, ao mesmo tempo em que denunciam a violência e ocupam espaços em alguns setores do Movimento, como educação, produção, frente de massa, comunicação, cultura e saúde.

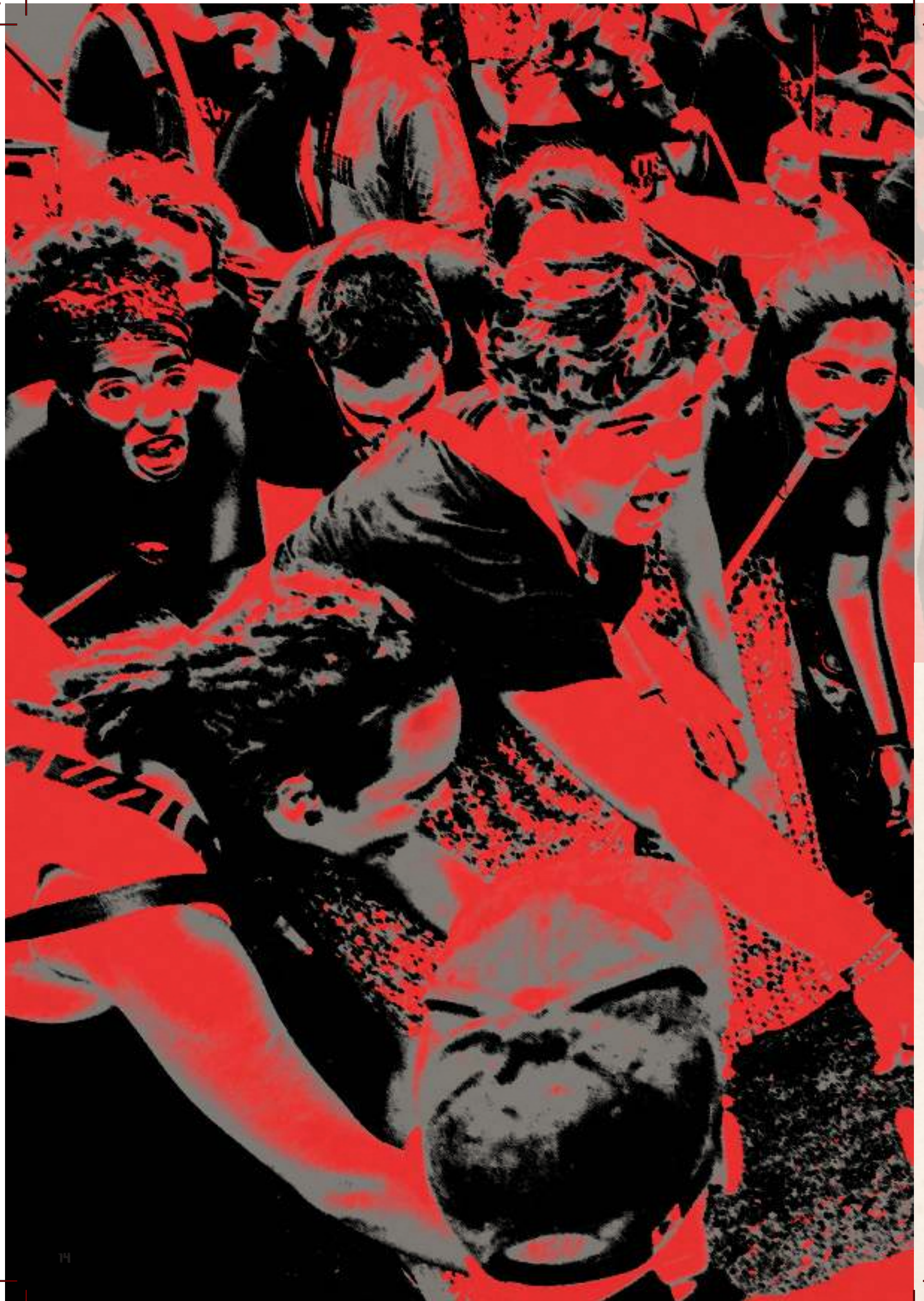
A juventude Sem Terra avalia que muitos desafios ainda estão colocados na luta contra a LGBTfobia, dentro e fora do MST. Apontam que o estudo permanente sobre o patriarcado e o heterossexismo são essenciais para compreender os

sujeitos e a violência rotineira sofrida por cada um e cada uma. Outro desafio, é o processo de formulação de textos, cartilhas e cartazes que ajudam na formação política e no acúmulo acerca do tema.

Aos poucos, a luta em defesa do “direito de amar”, vem ocupando espaço e se legitimando dentro da estrutura organizativa do MST. A partir da 7ª Jornada Nacional da Juventude Sem Terra, com o lema “Você tem fome de quê?”, os jovens reafirmaram o compromisso de fortalecer esta bandeira impulsionando a participação dos sujeitos LGBTs e denunciando toda forma de opressão. Para o próximo período, a proposta é intensificar a luta, o estudo e o debate. Ocupando mais espaços e dando visibilidade aos LGBTs Sem Terra, um dos sujeitos construtores da Reforma Agrária Popular.







A CONSTRUÇÃO DA UNIDADE POPULAR É UM DESAFIO PERMANENTE DA JUVENTUDE!

Resgatar o processo de organização da juventude no MST é também retomar as iniciativas de organização e articulação com a juventude urbana. Podemos dizer que na nossa história a unidade campo e cidade é um guia para a ação cotidiana.

Principalmente a partir dos anos 2000, uma série de iniciativas com a juventude urbana foram construídas. Construímos em 2001 o Encontro Nacional de Universitários (ENU) na Unicamp, uma articulação com as forças do Movimento Estudantil (ME) que atuavam na União Nacional dos Estudantes (UNE); depois realizamos, também junto ao ME no ano de 2004, o Encontro Nacional de Estudantes e Jovens por Trabalho, Educação e Reforma Agrária (ENETERRA), construído nos marcos da Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS). Em

2006, realizamos o I Seminário da Juventude da CMS na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), visando a construção de um processo de luta que unificasse as pautas da juventude.

Avançamos no processo de articulação da juventude brasileira e, em 2006, construímos o Coletivo de Juventude da Via campestina, movimentos e organizações urbanas, fazendo parte mais de 20 organizações do país. A partir desse espaço construímos o programa nacional de formação da juventude da classe trabalhadora e realizamos a I Jornada Nacional em Defesa da Educação; processo esse que em 2008 culminou no I Encontro Nacional da Juventude do Campo e da Cidade (ENJCC) no Rio de Janeiro. Reunimos mais de 1200 jovens de 96 organizações de 20 estados do Brasil para identificar coletivamente os

nossos problemas e propor saída para eles, onde a luta de massas seria o nosso principal instrumento de pressão.

No bojo desse processo, a partir de 2006 se construiu no Rio Grande do Sul o Levante Popular da Juventude. Um movimento social que busca organizar a juventude, principalmente das periferias urbanas. Hoje o Levante Popular da Juventude é um movimento nacional, presente em todos os estados brasileiros, e que busca organizar a juventude em três frentes: estudantil, territorial e camponesa. O seu 3º Acampamento Nacional, realizado na capital mineira em setembro de 2016, contou com 7 mil jovens e lançou o Levante como um dos principais movimentos sociais de juventude do Brasil!



A construção do Levante Popular da Juventude é um permanente exercício do novo na forma de fazer política e também na estrutura orgânica. Nesse sentido, o movimento busca ser um espaço orgânico de construção de militantes e também um espaço de articulação da juventude já organizada nos movimentos do campo. A Frente Camponesa do Levante é construída pela juventude organizada em uma série de organizações do campo, como o MST, MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), PJR (Pastoral da Juventude Rural), MAM (Movimento pela Soberania Popular na Mineração), MCP (Movimento Camponês Popular), entre outras.

A Frente Camponesa do Levante Popular da Juventude tem como objetivos: fortalecer a articulação da juventude do campo e da

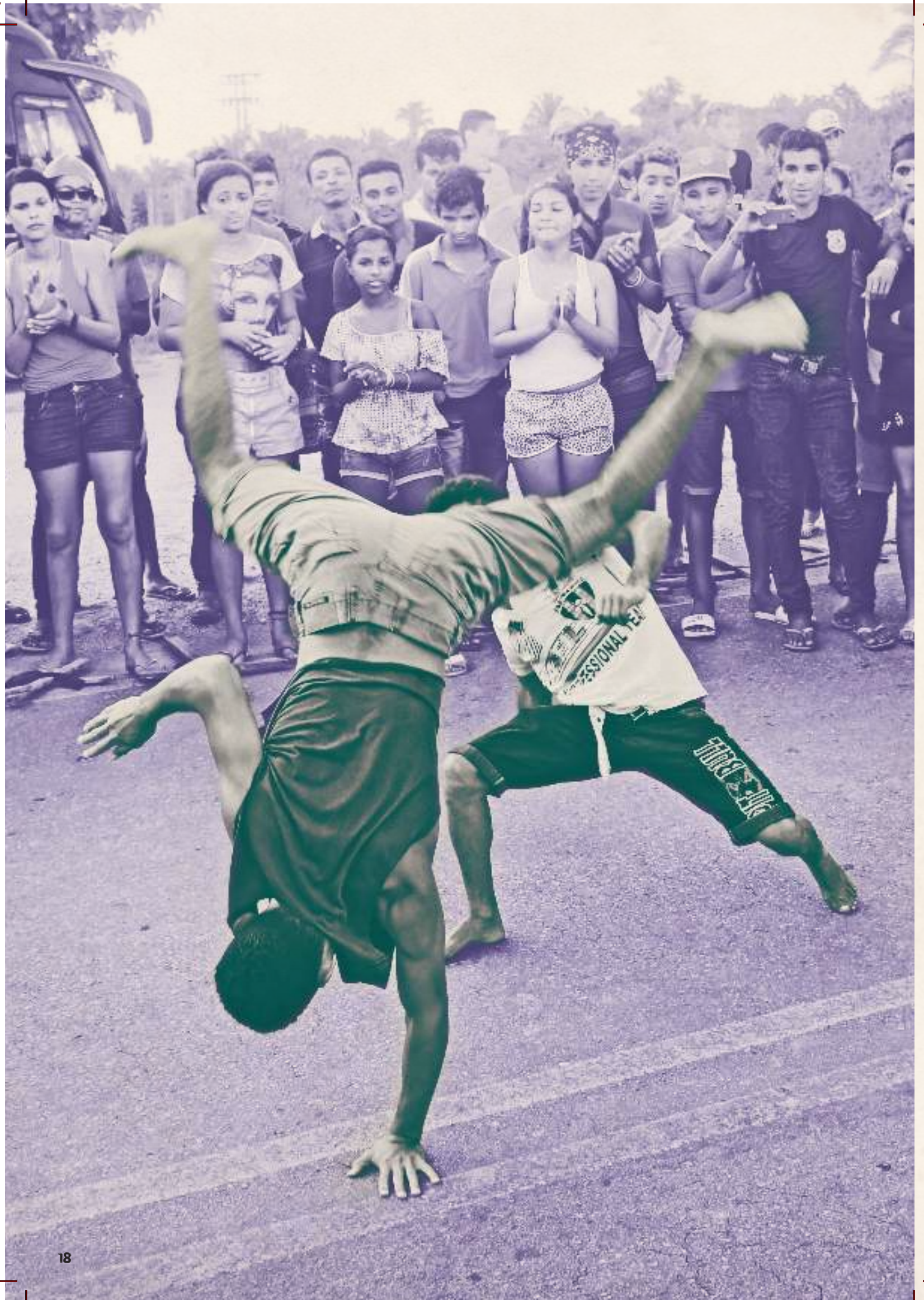
cidade, contribuindo para que o Levante seja cada vez mais um movimento agregador da juventude do Projeto Popular; ser um espaço de articulação da juventude das organizações que atuam no campo, na perspectiva de fortalecer sua relação, impulsionar o trabalho e a construção de pautas unitárias; contribuir na construção estratégica do Levante, considerando as experiências de organização camponesas, no campo das lutas, formação e da organização; facilitar a massificação do Levante, em especial, em cidades de pequeno e médio porte, onde as organizações que atuam no campo estão inseridas; contribuir para que as questões e pautas do campesinato sejam abraçadas pela cidade e as da cidade abraçadas pelo campo, assegurando no processo a identidade de cada sujeito; potencializar a leitura de luta de classes e o internacionalismo.

A juventude dos movimentos camponeses chegam para a construção do Levante como uma ponte entre a experiência histórica da organização popular e os desafios da conjuntura atual. É a juventude que se desafia a diminuir a distância entre o campo e a cidade e a construir no cotidiano a unidade popular!

“O CAMPO E A CIDADE SE UNIFICOU E AGORA A BURGUESIA BALANÇOU. A LUTA DO MEU POVO TEM UM NOME: É O PROJETO POPULAR! LEVANTE!”

“JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR,
CONSTRÓI PODER POPULAR!”





A ORGANIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE PARAENSE COMO FORMA DE LUTA E RESISTÊNCIA

O Acampamento Pedagógico da Juventude Sem Terra “Oziel Alves pereira”, faz parte da jornada de Memória e Justiça pelo Massacre de Eldorado do Carajás, mundialmente conhecido pela violência contra 21 trabalhadores Sem Terra que foram massacrados em 17 de abril de 1996, na curva do “S”, em Eldorado do Carajás. Diante desse episódio, o 17 de abril é também o dia Internacional de Luta Camponesa.

Em 2006, como atividade dos 10 anos do Massacre foi construído o primeiro acampamento com os jovens Sem Terra do Pará. Durante 17 dias a juventude se reuniu como forma de resistência e reafirmação da luta da classe trabalhadora. No acampamento, uma das atividades desenvolvidas foi a reconstrução do Monumento das Castanheiras. Desde então, há 10 anos o acampamento acontece na curva do “S” reunindo cerca de 300 a 400 jovens do campo e da cidade de todo o estado do Pará. Jovens que transformam o S de sangue derramado na curva em S de sonhos.

O acampamento leva o nome de Oziel Alves Pereira, um jovem militante de 18 anos que sonhava com a transformação social pela realização da Reforma Agrária e do socialismo, se identificava

com Zumbi e carregava no peito a rebeldia contra as injustiças. Foi com essa rebeldia e coragem que foi brutalmente massacrado em Carajás. Arrastado pela polícia militar enquanto gritava palavras de ordem que dizia: “VIVA O MST!”, Oziel inspira os jovens Sem Terra que o homenageiam ao dar seu nome para o acampamento.

Atualmente, o Acampamento ocorre em um período de sete dias na curva do “S” em parceria com universidades e amigos do MST, o que coloca o desafio de garantir sua realização anual. A juventude se coloca como organizadora do processo e a programação do espaço é construída com base no trabalho coletivo, formação política, organicidade, arte e cultura.

Os temas propostos para debate envolvem a organização da juventude, questões de gênero, saúde e sexualidade, educação e questões conjunturais políticas do atual momento. Neste ano de 2016, o acampamento teve representações nacionais de todas as regiões do País, como parte da Jornada Nacional de Memória e Justiça dos 20 anos do Massacre de Eldorado do Carajás.

Ao longo dos 10 anos o Acampamento vem cumprindo um papel fundamental de reorganização da

juventude e reafirmação da luta da classe trabalhadora, além de estimular cada vez mais os debates de gêneros e sexualidade, com plenárias específicas que elevam o número de participação feminina e dos sujeitos da diversidade sexual, ou seja, possibilita espaço e voz aos Jovens Sem Terra.

ORGANICIDADE

O acampamento é dividido em Núcleos de Base (NB's), que servem como forma de organicidade para desenvolver as atividades, sejam elas práticas como o Tempo Trabalho, cujo princípio educativo é o resgate da coletividade a solidariedade pela relação do indivíduo com a natureza. Seja pelo Tempo Estudo, cuja atividade é a primeira do dia a ser realizada, para estimular o hábito a leitura coletivamente e individual, provo-

car a fala e a escrita de reflexões como forma de apropriação do conhecimento. Ao final de todo acampamento os jovens recebem livros dos mais diversos temas para que possam continuar o estudo nas suas áreas.

A organização por NB's possibilita a construção diária do acampamento, que é pensado pelos próprios jovens, desde a programação até a infraestrutura. Dentro da programação, também é previsto um ato na pista como forma simbólica de lembrar a memória dos companheiros massacrados e de todas as formas de injustiça cometidas contra a classe trabalhadora. É também uma forma de diálogo com a sociedade. A pista é fechada por 21 minutos ou mais, durante esse tempo são realizadas místicas, panfletagem no corredor de carros parados e apresentações das oficinas, onde

as pessoas que estão esperando na pista podem interagir com a juventude Sem Terra.

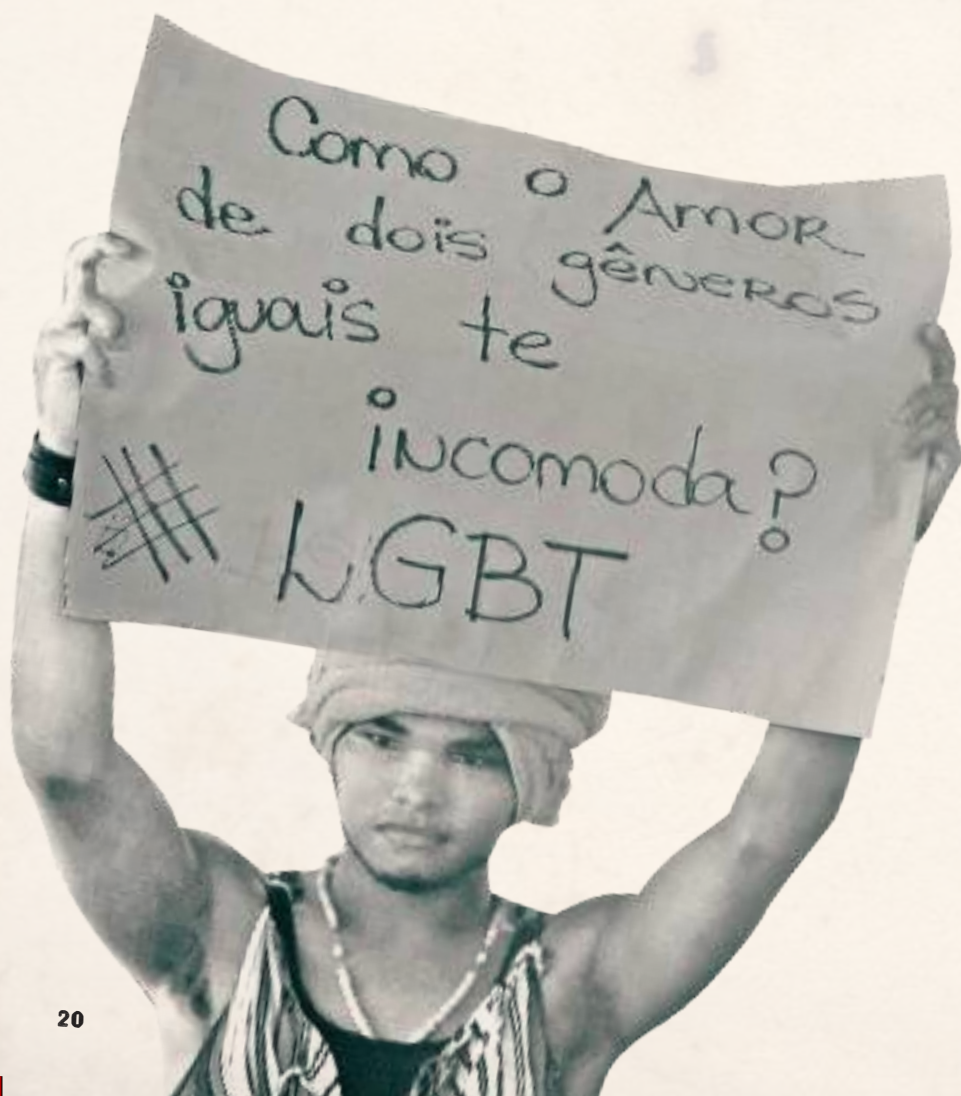
O acampamento encerra com o ato político cultural de 17 de abril que envolve, além dos jovens, acampados e assentados da região e outras organizações sociais e políticas.

Desde o início do acampamento em 2006 os jovens recebem representações nacionais de grupos culturais e internacionais como os participantes da Conferência Internacional da Reforma Agrária, realizada em Marabá, no qual relataram que viram nos jovens a força, o ânimo e a rebeldia de continuar na luta.

ARTE E CULTURA

Em todas as edições é escolhido um tema para se trabalhar nos debates e uma atividade artística para se focar nas oficinas.

Em 2015, foi realizado a 10ª edição do acampamento e em virtude disso, o foco principal foi a oficina de artes plásticas que desenvolveu atividades como pintura com stencil e a construção de um painel que resgatou a memória de Oziel Alves Pereira construído por jovens da regional Amazônica (Pará, Maranhão e Tocantins) com o auxílio de integrantes da Brigada Nacional de Artes Plásticas Cândido Portinari e egressos do curso de Artes/PRONERA que moram no Pará.





A CULTURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS JOVENS MULHERES SEM TERRA





No ano de 2013, a regional do Vale do Rio Doce, através das articulações políticas a partir de uma demanda concreta do Coletivo de Juventude do MST, organizado desde 2009, conseguiu uma parceria com a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-(UFVJM) para realizar uma oficina de capacitação para os jovens.

A partir dessa oficina, com o envolvimento do Coletivo de Juventude, foi realizado um planejamento para reproduzir as oficinas nas diferentes áreas da região. Logo, ocorreram atividades no assentamento Ulisses de Oliveira no Município de Jampruca, com a participação de 15 jovens, no acampamento Padre Gino em Frei Inocêncio com 20 participantes e também no Encontro Estadual da Juventude com a participação de 38 jovens, que aconteceu no Centro

de formação Francisca Veras, no Assentamento Oziel Alves Pereira em Governador Valadares.

Este espaço conseguiu aproximar as mulheres jovens para aprender a construir tambores de couro, xequerês e ganzá. E esse planejamento para multiplicá-la em outras áreas da região, recebeu o nome de Tambores militantes, uma atividade construída com o intuito de organizar a juventude pela arte e cultura.

O grupo Tambores militantes, se difere da construção de uma bateria, por exemplo, pois se constrói com o objetivo de resgatar a cultura dos tambores de Minas. Na história, foram utilizados e produzidos essencialmente pelos povos escravizados que deixaram essa herança cultural para o povo brasileiro.

Por meio da produção desse material é possível realizar um processo de afirmação da identidade camponesa dessas jovens, que usam a música como ferramenta de expressão política, ao mesmo tempo em que possibilitam o avanço da organização das mulheres jovens, ao resgatar a autoestima e o reconhecimento pelo potencial criador das jovens trabalhadoras como formadoras e produtoras.

A partir do Encontro Estadual da Juventude de Minas Gerais, essa experiência local ganha força e passa a ser uma atividade realizada com a juventude de todo o estado. Mas devido à proximidade geográfica das regionais do Jequitinhonha e Male do Mucuri, a produção de tambores se transforma em uma forma de mobilização e estratégia econômica de auto-sustentação da juventude.

HÃ 13 ANOS

JUVENTUDE SEM TERRA DO CEARÁ REALIZA FORMAÇÃO SOBRE A REALIDADE BRASILEIRA

Por Paulo Henrique Campos



Desde 2002, a Juventude do MST no Ceará realiza o Curso de Jovens sobre a Realidade Brasileira, em parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC), por meio do Laboratório de Estudos Agrários e Territoriais (LEAT) do Departamento de Geografia e do Núcleo de Estudos Gênero Idade e Família (NEGIF). O espaço é coordenado pelo

Coletivo de Juventude e por professores da universidade.

Entre os objetivos da atividade de formação está o de tornar a universidade em um espaço de produção do conhecimento que esteja a serviço da juventude camponesa. Os jovens buscam ainda, envolver os demais movimentos que compõem a Via

Campesina e possibilitar a troca de experiências com a juventude urbana. Logo, o curso se configura como um espaço formador de novos (as) militantes sociais para a luta. Porém, ainda está colocado como desafios políticos, ampliar o envolvimento de outros sujeitos do campo e o curso se tornar um processo contínuo de formação.

“Os cursos estaduais de juventude, em minha formação militante, representaram um grande acúmulo de conhecimento e experiência. Temos momentos de estudo, oficinas e intercâmbios entre os outros jovens. É o momento mais esperado pela Juventude Sem Terra, pois nós somos os sujeitos. Ele representa um despertar da Juventude para a consciência de classe”, afirma Luz Helena Marin, participante do curso desde 2009 e do Coletivo de Juventude.

Atualmente, o Curso tem uma duração de cinco dias e envolve a participação de 400 jovens, que tem em média 15 a 25 anos, de mais de 100 assentamentos e acampamentos onde o MST está organizado. A programação discute várias temáticas, entre elas, a conjuntura política e agrária brasileira, a Reforma Agrária Popular, educação do campo e os desafios de organização da juventude. Os tempos educativos são divididos em momentos de estudo, oficinas e atividades culturais. Em um desses dias, a juventude vai às ruas com suas bandeiras para pautar do Estado, políticas públicas voltadas aos seus interesses.

Em 2014 foi realizado o XIII Curso de Jovens sobre a Realida-

de Brasileira e pode-se afirmar que o mesmo modificou a vida da juventude em três aspectos: inserção política militante na organização, construção dos coletivos de juventude nos assentamentos e acampamentos e oportunidade de acesso à universidade pública através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA).

INICIATIVAS IMPULSIONADAS A PARTIR DO CURSO

O Curso Estadual de Jovens foi o grande impulsionador para a formação do Coletivo de Juventude do MST no estado, além dos grupos de jovens em áreas de assentamentos e acampamentos. Hoje existem aproximadamente, 50 grupos de jovens que se organizam em atividades culturais e de comunicação como as quadrilhas juninas, teatro, música, coletivos de produção, rádios, etc.

Por meio dessa experiência, também foi construído com professores (as) da UFC, o curso “Residência Agrária Jovem”. Composto por uma turma de 40 jovens, educandos (as) das escolas do campo de ensino médio coordenadas pelo MST, o projeto é financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ).



GRUPO COLETIVO 14 DE AGOSTO

A FORÇA DA JUVENTUDE E DA ORGANIZAÇÃO COLETIVA NAS TERRAS DE RONDÔNIA

Na madrugada do dia 14 de agosto de 1992, cerca de 150 famílias Sem Terra ocuparam a fazenda Shangrila, no município de Ariquemes, Rondônia, instalando o acampamento 14 de agosto.

Desde o princípio a organização do acampamento foi marcada pela coletividade.

Em janeiro de 2004, dez famílias decidem coletivizar as roças, as terras e a cozinha, momento em que chamam de “juntar as panelas”, este é o marco do início do Grupo Coletivo 14 de Agosto.

A JUVENTUDE E O TRABALHO COLETIVO

Juntar as panelas na vida real, cada um traz a panela que tem. Assim foi construída a cozinha coletiva de madeira, coberta com palha de babaçu na varanda.

De segunda a sexta todas as refeições são feitas nessa cozinha, somente no fim de semana os moradores usam a moradia individual. Os trabalhos são divididos

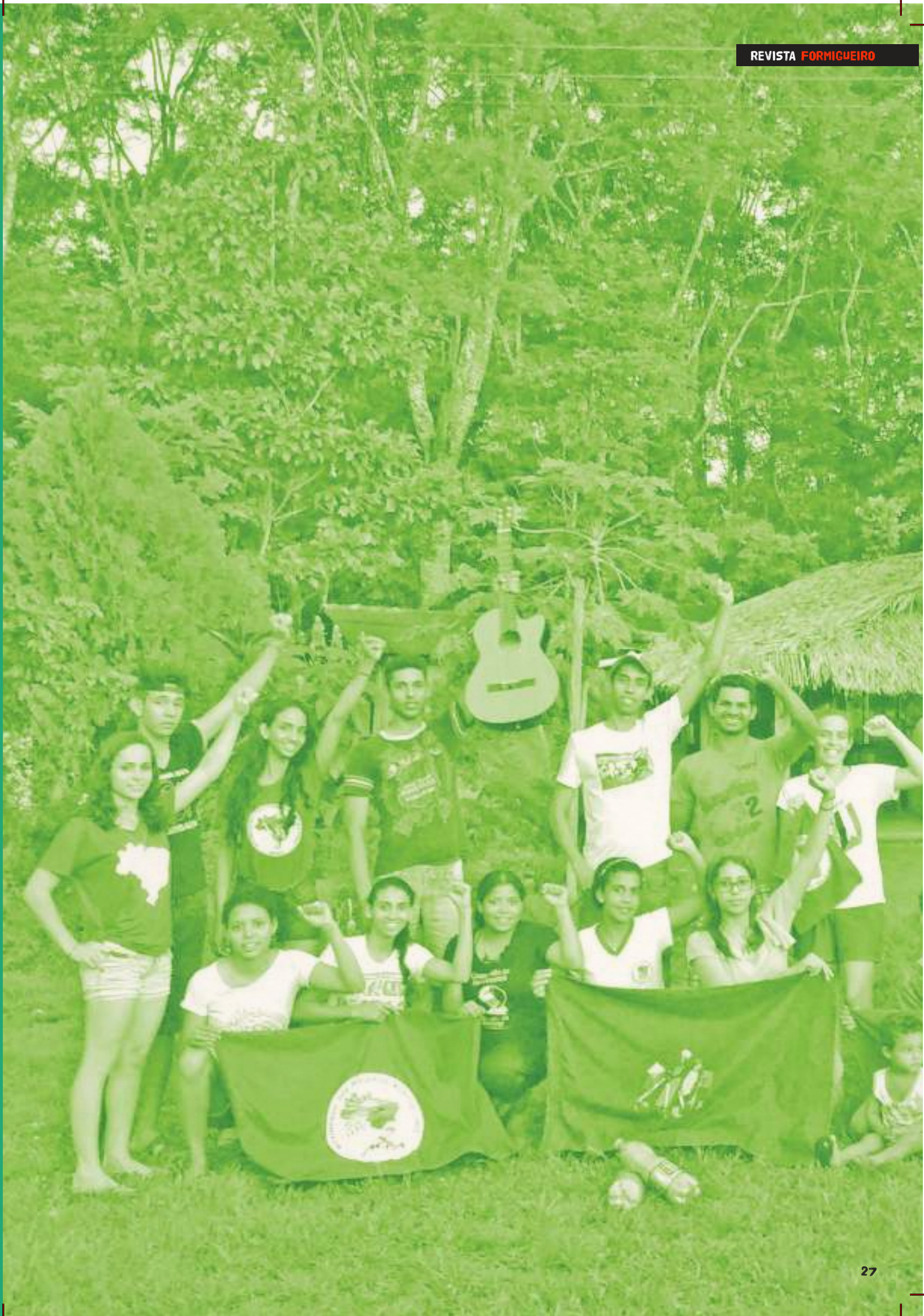
em frentes, como a de serviços gerais, criação de animais e horta.

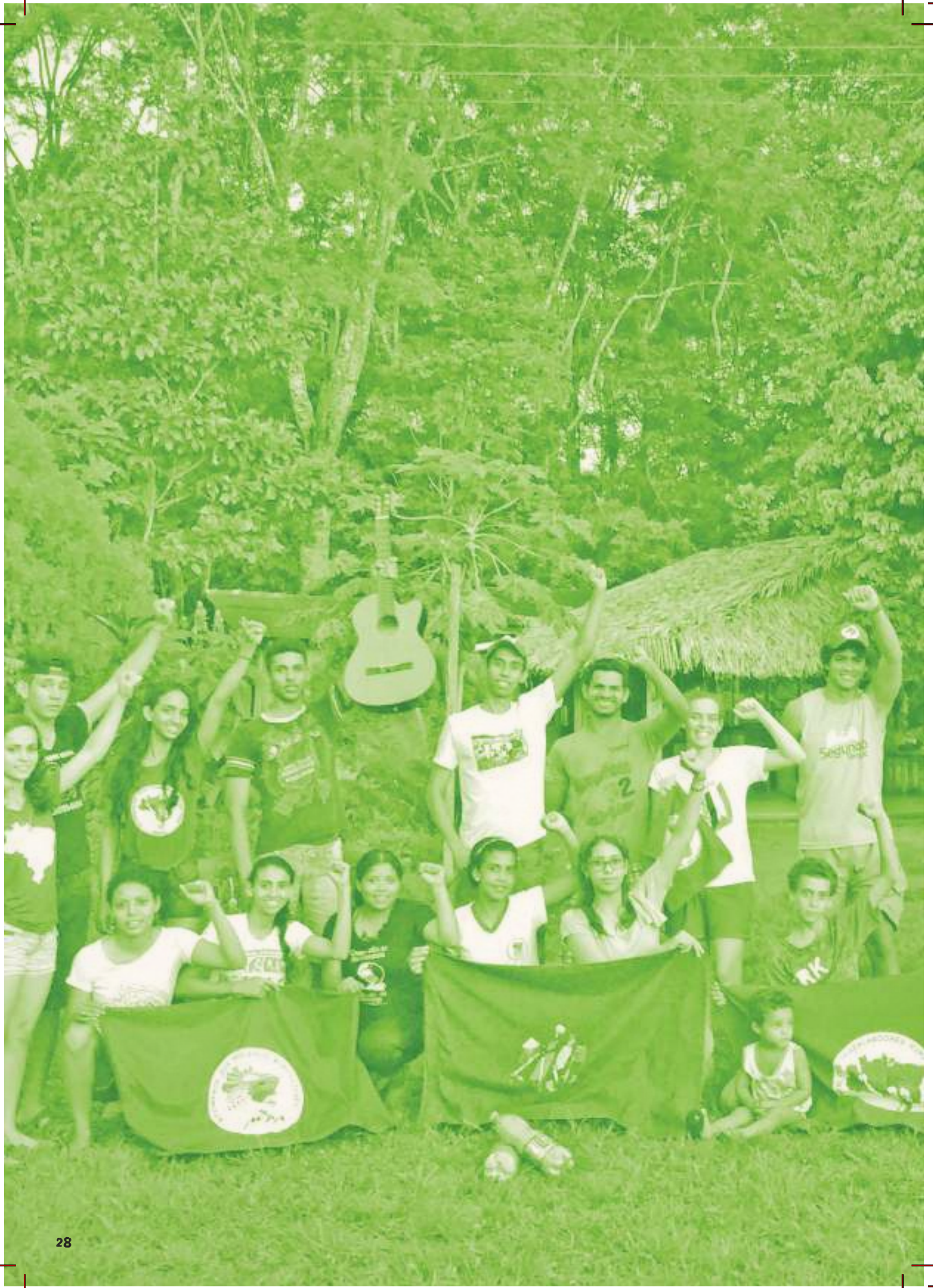
A perspectiva coletiva também afeta positivamente a educação das crianças, que passaram a ser cuidadas por um responsável, enquanto os outros trabalhavam.

As famílias dividem uma área comum de 144 hectares com uma área de reserva de 89,5 hectares, onde tem muito babaçu. Cada família tem um lote de 12 hectares, mas ninguém sabe onde fica, porque eles nunca demarcaram.

Hoje os jovens é quem majoritariamente tocam as tarefas do assentamento e garantem a sobrevivência do coletivo.

Ao longo dos doze anos de construção do coletivo, é possível observar que esses jovens foram crescendo e se transformando a partir da vivência, tendo em vista que em toda sua vida, a dinâmica produtiva de sobrevivência em que as mesmas participavam se dava de forma individual.





“A vivência coletiva de forma tão intensa como a do grupo coletivo 14 de agosto ‘das panelas à terra’ é uma descoberta constante. Aqui lidamos com nossos vícios e desvios e, assim, avançamos na difícil conquista de proporcionar uma formação social e cultural”, diz Ana Isabel Ramalho, membro do grupo coletivo e da coordenação estadual do Movimento de Pequenos Agricultores (MPA)

O grupo coletivo como base do MST persegue a construção da Reforma Agrária Popular e do socialismo, por isso, vê como fundamental a militância política. Diante disso, no último período a juventude vem se destacando na atuação política nos movimentos da Via Campesina.

Antes de viver no acampamento e de participar do coletivo, eu tinha que, diariamente, fazer a opção em entre vender minha força de trabalho e estudar ou militar. Hoje eu estudo, estou na militância e tiro meu sustento sem vender minha força de trabalho, pois cada pessoa aqui cumpre um papel na participação política nos movimentos, nos estudos, finaliza Leomi do Carmo Camilo, jovem militante do MPA, há dois anos no grupo coletivo.



AGITAÇÃO & PROPAGANDA

E O POTENCIAL DE LUTA DA JUVENTUDE

Estamos vivendo uma conjuntura muito dura para o povo brasileiro. Sofremos um golpe, que avança para retirada de diversos direitos dos trabalhadores. O conservadorismo se aprofunda na sociedade, com apoio da mídia burguesa que, além de fortalecer o golpe, nos ataca diariamente, bombardeando todo o povo com informações manipuladas e tendenciosas. A repressão contra as nossas lutas se torna cada vez mais intensa.

Neste momento, a esquerda precisa passar por um profundo processo de reorganização. O novo ciclo de lutas que está chegando terá a juventude brasileira como sujeito protagonista e, ao mesmo tempo, precisamos inovar nas formas de luta da classe trabalhadora.

Temos acumulado há alguns anos a prática e o debate em torno da agitação e propaganda. O termo não é novo, resgatamos dos revolucionários russos, do início do século passado. O termo agitação significa difundir uma ou poucas ideias pra muita gente. E propaganda, o contrário, passar muitas ideias pra um número reduzido de pessoas. As duas coisas se completam, e devem ser feitas juntas. Tanto que os russos chamavam de uma coisa só: Agitprop.

A Agitprop é uma prática política que busca denunciar todas as injustiças que a classe trabalhadora sofre na sociedade. Mas não basta somente denunciar. É preciso também apresentar a esperança para todo o povo a partir de nossa alternativa de sociedade, o projeto

e as pautas que nós defendemos para o Brasil, como por exemplo, a Reforma Agrária Popular.

Existem infinitas formas de fazer Agitprop, vale a criatividade e a ousadia. Montar um grupo de teatro de rua para apresentar no centro da cidade ou nas escolas; fazer uma batucada e criar várias músicas; pixar, colar lambe-lambe ou grafitar nos muros com as nossas mensagens; fazer um escracho em alguma empresa, distribuir o nosso jornal massivamente, colocar uma lona no outdoor, gravar e divulgar vídeos e matérias pelas redes sociais; e por aí vai.

O mais fundamental, no entanto, é que a Agitprop esteja sempre ligado no nosso trabalho de base e que incentive a organização do povo, seja na nossa área, seja

num trabalho nas periferias, em lugares de grande movimentação a partir de algum debate político, ou mesmo intervindo num espaço de quem é contra nós, como o agronegócio por exemplo. Em cada local a juventude deve se organizar anteriormente para fazer ações e criar uma brigada de Agitprop. A ideia é sempre envolver mais jovens nas atividades que fizermos e buscando sempre criar um processo de preparação com estudo da conjuntura e de técnicas para as ações, planejamento e avaliação.

No Congresso Nacional do MST em 2014 criamos a Brigada Nacional de Agitprop Carlos Marighella, que contribui até hoje na formação, no apoio, acompanhamento e na criação de novas brigadas de Agitprop. Mais de 300 jovens participaram da Brigada e levaram a experiência para seus estados. Participam também alguns movimentos, como o Levante popular da Juventude.

Infelizmente, nos últimos anos, a esquerda abandonou a prática da Agitprop. Tendo como

prioridade a luta institucional, a conquista de cargos no governo, deixaram de lado a disputa ideológica e priorizaram a disputa por votos, de forma despolitizada muitas vezes. Toda a criatividade e as infinitas formas de disputar as ideias na sociedade foram sendo abandonadas para se priorizar basicamente as atividades de panfletagem, discursos de carro de som e programas de televisão e rádio. E o pior, o estímulo à criatividade e ao engajamento da juventude) priorizar basicamente as atividades de panfletagem foi trocado por pessoas pagas, mesmo sem relação com a organização.

A juventude hoje tem o potencial de se formar em um novo ciclo de lutas no Brasil. E a Agitprop pode ter um papel fundamental para essa nova geração.

Resgatar as formas de luta históricas da classe trabalhadora e buscar construir uma nova cultura política, no campo e na cidade, que contribua na orga-

AGITAÇÃO

Ações que “agitem” nas massas questões que são amplamente sentidas e com as quais o povo possa de identificar. Ex. alto preço da energia elétrica, índices abusivos de agrotóxicos na mesa dos brasileiros, baixos salários.

PROPAGANDA

Difusão do nosso projeto de sociedade, propagandear o sonho possível, com conteúdo claro e acessível, mas sem perder a profundidade necessária para falar de propostas complexas. Ex. Propagandear o Socialismo ou a Reforma Agrária Popular



Na tentativa de potencializar a formação desses jovens e principalmente formar multiplicadores dessa ação é que se inicia a proposta de um curso com mais dias, em que fosse possível também compartilhar experiências organizativas na região. Com 30 dias, o curso compreendia o seguinte currículo: História da luta pela terra e a questão agrária, como funciona a sociedade (aspectos da economia política), comunicação e cultura, organização dos assentamentos e a organização da juventude. Pela manhã, aulas. À tarde, os educandos e educandas contribuem no trabalho necessário para funcionamento da escola e em seguida oficinas de comunicação e cultura, como rádio, música, teatro. Pela noite, estudos, filmes ou atividades de integração completavam o programa, além de estudos e leituras dirigidas.

A primeira turma nesse caráter foi apenas do RS. Dessa experiência que se insere a proposta de formação para a Região Sul. “Foi uma experiência de inserção política, de construir novos conhecimentos”, explica Jordana Camargo, de 23 anos, do Assentamento Nova União em Hulha Negra, estudante da primeira turma. “Foi abrir caminho para uma nova visão de mundo”, alega.

Assim, em 2012, a Região Sul e o Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC) resolveram experimentar o curso intensivo de formação e capacitação no início do ano, antes da volta às aulas, um “curso de verão”. Desde 2012,

todos os anos se formam turmas com um contingente de 15 participantes por cada estado da região com idade média entre 17 e 27 anos.

Este curso é referencial também porque por suas turmas passaram um grande contingente de dirigentes jovens, que posteriormente se somam às tarefas da organização nos mais distintos ramos: comunicação, produção, saúde, gênero, educação e outros. A existência do curso foi um impulsionador para a existência hoje em dia de um coletivo organizado de juventude na região Sul.

Para garantir o acompanhamento e condução das atividades, cada turma tem um Coletivo de Acompanhamento Político Pedagógico, formado por integrantes dos coletivos estaduais de juventude, muitos dos quais cursaram as turmas anteriores. Desse modo, o curso passa ser um espaço importante de reunião e organização dos jovens do MST.

Ao longo desses anos as turmas avançaram na organização, no que diz respeito a discussão de gênero, arte, organização da juventude, também do legado histórico dos lutadores e lutadoras do povo. Sendo assim, a partir da V turma em 2015, o curso passa a se chamar “Curso Ernesto Che Guevara” tornando-se um referencial de luta e vida para esses jovens. Jordana, agora na tarefa de acompanhamento conclui: “para mim, o que caracteriza todas as turmas é a ousadia, a criatividade e a pertença”.



A educação no processo de auto-organização da juventude e sua inserção na luta social

No que se refere à formação da Juventude, um dos importantes recursos da proposta de educação do MST, é a auto-organização dos estudantes. O intuito aqui é fazer um breve relato sobre a experiência de uma das escolas, que se destaca por ser a porta de entrada para diversos jovens conhecerem e se inserirem na luta social.

O Colégio Estadual do Campo Irací Salete Strozak, existe desde 1998. E localiza-se no Assentamento Marcos Freire, em Rio Bonito do Iguçu- PR. Situado no maior complexo de assentamentos da Reforma Agrária da América Latina, o colégio conta com cerca de 430 estudantes, além de ser a escola base das Escolas

Itinerantes no estado, mais de 08 escolas em áreas de acampamento estão vinculadas.

Sua organização curricular é feita por Complexos de Estudos, que articula a pedagogia do MST. Dessa forma, nota-se a compreensão acerca dos limites, que a forma escolar hegemônica impõe a formação da consciência da juventude trabalhadora. Assim, no decorrer de sua história, abriu possibilidades para que espaços de auto-organização fossem forjados, desde as tarefas pedagógicas da sala de aula, às tarefas políticas do Movimento. Desse modo, o colégio buscou diversificar as formas de ensino-aprendizagem, preocu-

pando-se com a ampliação das dimensões formativas do trabalho com a juventude para além da sala de aula.

Desde a sua origem, houve importantes iniciativas que instigam a auto-organização dos estudantes. Destacam-se os projetos extraclasse, que foram desenvolvidos a partir dos anos 2000, com o Projeto Viver em Harmonia, que organiza oficinas de arte e cultura e que deram origem a grupos como: coral, teatro e dança. Outras iniciativas fizeram surgir grupos como o de Judô e de Agroecologia. Também, destacam-se práticas organizativas propostas pela escola, como o Momento Cívico e o Conselho de





Classe Participativo organizados pelas turmas; e a participação de Instâncias Colegiadas, como o Coletivo de Estudantes Coordenadores de Turma (2008), e os Núcleos Setoriais (2014). Todos os espaços citados, demanda em certa medida, a organização coletiva e autônoma dos estudantes. Junto a isso, a escola sempre possibilitou e incentivou a participação dos estudantes em espaços de formação e luta do MST, como encontros massivos, mobilizações e cursos para a juventude.

Esse contato com Movimento, e no caso de alguns estudantes, a participação na organicidade do Coletivo da Juventude, com atuação para além da escola,

despertou a militância em alguns jovens pela necessidade de criar suas próprias formas coletivas de organização, para que fosse possível realizar trabalho de base envolvendo a juventude estudante, entendendo o chão da escola como seu espaço de contribuição no MST.

Dessa forma, os estudantes forjaram espaços por propostos e coordenados por eles, como o Núcleo de Dirigentes dos Estudantes (2013), como instância maior de participação e representação dos estudantes, que supera a organização por meio do Grêmio Estudantil que também chegou a existir em 2010. Outro exemplo é o Coletivo de

Comunicação (2012), que periodicamente produziam edições de jornais, fanzines e programa de rádios, com temas de formação alinhados a luta. Este ano de 2016, a principal forma de organização dos estudantes na escola é o Coletivo da Juventude, que conta com cerca de 10 integrantes, e que coordena os processos de auto-organização dos estudantes, nas atividades internas e externas à escola.

“IRACI SALETE, NA LUTA COM CERTEZA. EDUCAÇÃO DO CAMPO, RESISTÊNCIA CAMPONESA.”

(Palavra de ordem do colégio)

PROMOÇÃO:

Instituto
Cultivar

APOIO:

Brot
für die Welt

CAFOD
Just one world



EXPEDIENTE:

Revista Formigueiro | Caderno de Experiências Cultivar
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST

Coordenação Instituto Cultivar:

Cássia Figueiredo Bechara | Tesouraria: Camilo Monteiro do
Amaral Álvarez | Secretária: Rogério Paulo Ferreira

Coordenação Coletivo de Projetos Internacionais:

Ísis Campos | Secretária: Gil Alvarenga
Projetos: Letícia Barqueta e Lucas Tinti

Textos:

Coletivo de Juventude e Setor de Comunicação do MST

Edição e revisão:

Setor de Comunicação do MST

Projeto gráfico:

Marina Tavares

Tiragem:

10 mil exemplares

Endereço:

Al. Barão de Limeira, 1.232 - Campos Elíseos – 01202-002 - São Paulo –
SP | (11) 2131-0850 | imprensa@mst.org.br | www.mst.org.br



